



Contribuições do ensino de leitura para a criatividade em publicidade ¹

Iris Yae Tomita²

Centro Universitário de Maringá (Cesumar)

Teresa Kazuko Teruya³

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Resumo

Pelo presente artigo pretendo fazer uma breve reflexão sobre as práticas pedagógicas com relação às suas contribuições para estimular a criatividade por meio da formação de leitores autônomos. Para tanto, com base em pesquisa bibliográfica levanto algumas bases teóricas sobre as concepções e processo de leitura, as características do leitor, o papel do professor no processo de ensino e as possíveis contribuições da leitura para o desenvolvimento da criatividade no estudante de Publicidade e Propaganda.

Palavras-chave: Educação; Publicidade; Leitura; Criatividade.

Apresentação

As exigências do mundo contemporâneo, cada vez mais, têm estimulado a competitividade que não se restringe ao campo mercadológico, mas também ao campo intelectual. As rápidas transformações tecnológicas contribuem para isso. Deve-se aprender rapidamente e manter-se atualizado frente à dinâmica do mundo em constante transformação e as exigências para o novo perfil de trabalhador. Desta forma, ser criativo tem sido uma característica indispensável para sobreviver no mundo do trabalho diante da competitividade e da agilidade tecnológica em qualquer campo de atuação profissional.

Neste contexto, a criatividade já exigida do profissional de propaganda torna-se ainda mais necessária. Por isso, o presente texto tem como objetivo levantar as características de um leitor, avaliar a relação da leitura com a criatividade, refletir sobre a prática docente com relação à formação deste profissional e discutir alternativas para que o processo de ensino e de aprendizagem possa contribuir positivamente para estimular a competência de leitura e, conseqüentemente, a criatividade.

¹ Trabalho apresentado ao NP 03 – Publicidade, Propaganda e Marketing, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora do curso de Comunicação Social na habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Maringá (Cesumar) e pós-graduada - Mestrado em Educação - na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: parairis@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), doutora em Educação pela UNESP-Marília.



A leitura e o ensino tradicional

Durante o período tecnicista, ouvia-se dizer que a escola tinha como objetivo a formação do aluno para o mercado de trabalho. Isso fazia parte da visão de modernidade, fundamentado na racionalidade tecnológica, que tinha a preocupação somente com o aprimoramento técnico para melhoria da qualidade da mão-de-obra para o mercado de trabalho. O papel da criatividade na formação escolar ganhou destaque porque teria vindo ao encontro das exigências do processo de industrialização de produção de bens para o mercado.

É certo que todos precisam de trabalho para sobreviver. No entanto, o ser humano não pode ser visto somente como um técnico programado, pois com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, o mundo exige profissionais pensantes e criativos. E é para isso que a escola tem buscado focar seus esforços. A formação deixou de ser caracterizada como “estar pronto”, pois a própria dinâmica do mundo exige constante acompanhamento. Para tanto, a educação passou a ser, entre outras, uma das principais mediações para proporcionar aos estudantes condições de conquistar autonomia e criatividade para viabilizar sua adaptação ao mundo em constante transformação e para confrontar-se criticamente à sua realidade. Neste sentido, um importante recurso para desenvolver a criatividade é a leitura, eleita como objeto em foco por ser um importante instrumento de apropriação de conhecimentos.

Primeiramente, é necessário distanciar-se dos conceitos de leitura tradicionalmente consolidados. Aliás, não significa esquecê-los e sim repensá-los. Muitas vezes, acreditamos que um bom leitor é aquele que não confunde letras, tem boa dicção e fluência, que demonstra domínio sobre a decodificação dos códigos apresentados, além de apresentar-se em uma postura impecável. Essa imagem não passa de um estereótipo criado em razão do histórico que envolveu a aprendizagem da leitura. Foucambert (1994) demonstra um roteiro pragmático de como a aprendizagem da leitura pode tornar-se difícil por meio do método tradicional de ensino. De acordo com o autor, o modo convencional de direcionar a aprendizagem da leitura contribui para a resistência à mesma, tornando-a traumatizante e desagradável. Exigências no ensino como



preocupação excessiva com a fonética e decifração de letra por letra, ou palavra por palavra, com interrupções na primeira incorreção, fazem com que o fracasso em leitura se legitime.

Há uma tendência de avaliar um bom leitor com base em um referencial padronizado de comportamento para determinar o perfil de uma pessoa. Este referencial fundamenta-se no pensamento behaviorista, que demonstra sua eficácia em determinados aspectos do comportamento manifestado pelo indivíduo. No entanto, o ser humano é complexo e heterogêneo. A padronização de um perfil acompanha o preconceituoso e o discriminatório histórico de acesso à leitura. Daí, essa tendência tornou-se um instrumento que reforçava as diferenças sociais que sempre acompanharam as organizações sociais da humanidade.

O acesso das pessoas ao mundo letrado era muito restrito e era uma das marcas para diferenciar os níveis sociais. Ler era privilégio de poucos. No Brasil, desde sua descoberta, as primeiras questões com relação à leitura separavam as pessoas civilizadas das não civilizadas pelo acesso à educação. Essa visão acompanhou o processo de educação que era um dos parâmetros para determinar as diferenças entre as classes sociais. Por isso esse pensamento de leitura elitista ainda presente nos dias de hoje, sustentando formas deturpadas de caracterizar um bom leitor. Neste sentido, a cultura apresentada pelas letras passou a ser supervalorizada em detrimento de outras leituras de mundo.

Novas perspectivas em leitura

Reflexões sobre o assunto levantaram novas perspectivas no que se refere à leitura. Estes estudos têm demonstrado que uma boa leitura requer ousar a decifração, pois exige uma participação ativa do leitor com o texto.

Para falar em leitor vale refletir sobre o que vem a ser leitura. De acordo com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus



objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua” (Brasil, 1997, p. 53). Isso significa que, como afirma Dell’Isola (1996), o alcance da competência requer interação, em que o leitor participe da leitura como um co-produtor do texto, o qual, apesar de ser carregado de significados, não finda em si mesmo, cabendo ao leitor dar-lhe sentido.

Ainda de acordo com os PCN, a atividade da leitura implica em processo de decodificação como um procedimento básico e para atingir fluência são utilizados procedimentos com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação durante a leitura. Em outras palavras, Foucambert (1994) diz que a leitura requer três questões: a extração de informações, a atribuição e a interação. Existem leitores que lêem centrados no texto, caracterizados como leitores lentos e que buscam segurança, não arriscam palpites e só afirmam aquilo que conseguem comprovar tendo o texto como apoio. Já os leitores centrados em si mesmos são rápidos e fazem atribuições conforme suas extrações, arriscando-se diante do desconhecido e com tendência a adivinhações. A interação apresenta-se como um equilíbrio entre a leitura centrada na extração e na atribuição por meio de participação e diálogo com o texto.

Com relação ao desenvolvimento da leitura, o mesmo autor afirma que implicam três instâncias: a familiar, a social e a escolar. Essas instâncias formam um processo gradativo, no qual o leitor faz sua aprendizagem de acordo com sua interação no contexto familiar e com o mundo. Na última instância, a escola finaliza com cientificidade as experiências adquiridas anteriormente.

De acordo com Kleiman (1989), a educação sofreu uma grande transformação nas últimas décadas, ao levar em consideração os conhecimentos prévios de conhecimento lingüístico, conhecimento de texto e conhecimento de mundo. Esta afirmação leva em consideração o reconhecimento que “o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (Vygotsky, 1998, p. 110). Por isso percebe-se que cada vez mais aumenta a frequência de textos sociais em livros didáticos, causando no leitor a sensação de familiaridade, facilitando relacionamento para novos processos e novas informações.



Paulo Freire (1986, p. 11-12) fala sobre a importância do ato de ler afirmando que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, ou seja, para compreender a leitura das letras implica relacionar texto e contexto. Para ele o fato de o aluno “necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem” (*ibid.*, p. 21).

Assim, no ambiente escolar, o professor deve atuar como um mediador do processo de aprendizagem de leitura, estimulando nos alunos a iniciativa de lerem com interpretações próprias para contextualizar com suas experiências vividas, sem que o professor tenha que expor seu ponto de vista. Mediar não significa guiar e mostrar o caminho, mas proporcionar oportunidades para que o leitor tenha autonomia para fazer o levantamento de diversos caminhos.

Para isso requer a interatividade das informações contidas no texto com as informações do leitor. A partir do momento em que há essa interatividade, o leitor atribui um sentido gerado pela formação do novo conhecimento, provocando reflexões sobre o assunto, que culmina em julgamento próprio sobre a nova informação. Por isso o julgamento não deve ser imposto, guiado, pois perde a interpretação própria e o aluno torna-se dependente da opinião do professor porque o aluno pode preocupar-se mais com a versão do professor, com receio de agradar ou contrariar o ponto de vista do professor.

A prática docente e o ensino de leitura

É preciso discutir se é possível ter autonomia, criatividade e cidadania diante de esforços que ameaçam homogeneizar os gostos, percepções e leituras de mundo com os quais convivemos cotidianamente. Um anúncio publicitário, por exemplo, é veiculado repetida e massificadamente, buscando conduzir e reforçar um tipo de leitura que entra no cotidiano das pessoas, criando uma familiaridade de linguagem que transita da sociedade para a publicidade e da publicidade para a sociedade. É inegável a influência dos meios de comunicação de massa como referencial de leitura, e assim, o papel ativo do leitor pode ficar comprometido se associado à sua aprendizagem de submissão e de



medo de arriscar-se às leituras próprias para atribuir sentido aos significantes e significados expostos em leitura.

Neste contexto, o ensino é uma das possibilidades para combater o conformismo em leitura, mas é preciso que a mediação docente não fique presa no combate aos interesses da mídia, mostrando o que é o correto e o que é errado, pois novamente limita possibilidades. Quando os objetivos educacionais forem voltados à formação do cidadão, possibilita-se que pela leitura o sujeito consiga abalar o mundo das certezas. Para isso é preciso que se faça uma leitura crítica e esta não ocorre automaticamente, deve ser incentivada e dinamizada pela escola para que os estudantes desenvolvam questionamentos frente ao que é apresentado (Silva, 1998).

Na leitura crítica ocorre a avaliação das idéias dos textos com o leitor interagindo. Dessa forma, há um aprimoramento da leitura, levando o leitor à produção de um novo texto. Produzir o novo é construir, é criar, é estar livre de conformismo e de imposições seja por parte da cultura da mídia ou por parte da cultura escolar.

É preciso reflexões e novas ações pedagógicas que estimulem a participação ativa do leitor com o texto, por meio de atividades que incentivem a leitura, para buscar múltiplas possibilidades de leitura, extrair mais de um sentido, possibilitar a participação. Assim, com reflexões sobre as práticas docentes é possível encontrar novos procedimentos para que a leitura deixe de ter conotação de decodificação, tornando-se um instrumento fundamental para que as informações, muitas vezes fragmentadas, se transformem em conhecimento, pois este

é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um ‘dado’, possibilitando que não sejamos meros reprodutores [...]. Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade [...], permite perceber enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, podemos perceber, as informações – fragmentadas – não são suficientes” (Baccega, 2004, p. 2-3).

De acordo com a autora, a perda da totalidade leva à concepção de que as informações veiculadas pelos meios de comunicação são suficientes para formar o cidadão. A



quantidade de informações não forma o cidadão, pois estas devem ser ferramentas para o conhecimento e este sim é condição indispensável para a crítica.

Leitura e criatividade em Publicidade e Propaganda

Numa sociedade saturada de imagens e mensagens que ameaçam uniformizar e padronizar globalmente gostos, comportamentos e valores por meio de modelos estereotipados, a aprendizagem da leitura pode desempenhar um importante papel para promover a reflexão e olhares alternativos. No entanto, a forma como o ensino tradicional de leitura promove uma leitura superficial e mecânica, aprisiona o leitor e distancia as palavras do mundo em detrimento de outras formas de aproximação e interpretação.

O exercício de leitura proporciona ao leitor o contato com uma bagagem cultural muitas vezes diferente daquela na qual o sujeito está inserido, promovendo outros referenciais e pontos de vista. Assim a autonomia conquistada na leitura permite não somente uma visão crítica frente aos conteúdos da mídia e de outras fontes, mas também uma maior maturidade que proporciona resultados interessantes para o desencadeamento do processo criativo. Saber ler o mundo permite que o aluno seja mais criativo, capaz de se avaliar constantemente, rever seus pensamentos e comportamentos, substituindo a tendência de repetir e reproduzir, por uma capacidade de inovar e renovar.

E este é o desafio para o educador do curso de Publicidade e Propaganda. O estudante é dotado de experiências prévias vividas em sua cotidianidade. No entanto, seu percurso acadêmico pode ter inibido a riqueza dessas experiências por privilegiar a cultura das letras. Se sua aprendizagem de leitura foi sistemática e não contextualizada, o aluno perde a ousadia de dialogar com o que lê, sempre dependente da posição do professor.

Uma atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula e que será freqüente na prática profissional dos estudantes é a leitura de um *briefing*. Quando um leitor lê um *briefing* que é bem feito, deve fazer a leitura para averiguar as informações importantes para o desenvolvimento da campanha. Embora o método da execução do *briefing* seja importante, ele não é tudo, pois faz parte de um processo e não finda em si mesmo. É



importante lembrar que a leitura das informações é também muito importante. A grande questão ao departamento dos criativos, é a interpretação dos dados fornecidos pelo cliente.

Por isso, o exercício do ler promove a busca de informações contidas no texto, buscando dialogar essas informações a outros contextos, às suas experiências, fazendo um jogo de alteridade para identificar o contexto dos consumidores.

Uma confiança demasiada no *briefing* de papel, isto é, na troca freqüente de memorandos e relatórios sem uma mescla certa de contatos individuais, é um exemplo típico e muito freqüente de passar um *briefing*. Isso pode ocasionar em falha não somente por enfraquecer o interesse, mas freqüentemente leva a um dispendioso desperdício de tempo por concentrar a atenção em aspectos equivocados e por limitar o trabalho criativo (Sampaio, 2003).

Dentro desse contexto, o ensino de leitura que promova ao estudante dialogar e contextualizar as informações pode tornar profícuo o papel do professor. É particularmente importante cultivar relacionamentos do texto ao contexto das partes envolvidas, adequando os objetivos do cliente à realidade tanto do cliente como de seus consumidores, pois não basta somente passar informações.

Ler um *briefing* é mais do que decodificar as informações nele contidas. É buscar múltiplas possibilidades de leitura e permitir ao criativo dialogar com o texto, associando novas idéias, desencadeando em uma multiplicidade de léxicos e imagens, fazendo com que a idéia não venha do acaso. Por isso, retomando as idéias de Foucambert (1996), se o leitor não tiver autonomia, a criação fica restrita à extração dos dados fornecidos provocará um anúncio objetivo, no entanto, previsível e reprodutor de dados. E imprevisibilidade é um dos segredos do sucesso de um anúncio. Mas se a leitura for baseada na atribuição, pode-se correr o risco de fugir do foco do problema, criando peças que não atingem seus objetivos. Assim, o papel do professor deve promover a interação do leitor com o texto, para possibilitar uma criação original e livre, permitindo ir além, mas sempre com os pés no chão.



Considerações

A leitura é uma das principais fontes de contato e de apropriação de informações sobre a história construída pela humanidade. Ela é oportunizada por meio da educação escolar e por isso o ensino deve resgatar o reconhecimento do valor de se proporcionar oportunidades para que a leitura não seja um ato solitário em que o leitor simplesmente absorve informações. É importante que nessa atividade, o leitor possa dialogar com o texto para agir criticamente diante do que está lendo. Para isso, o educador tem o desafio de transformar o ato, muitas vezes, tortuoso de leitura em um ato de prazer e de fonte de conhecimento.

A prática do ensino de leitura pautada no compromisso de formar leitores críticos e autônomos permite aos estudantes que os mesmos realizem leituras dialogando textos e contextos. O exercício de leitura não é de responsabilidade exclusiva de professores de séries iniciais, mas também nos demais níveis. No caso dos estudantes de Publicidade e Propaganda, o exercício de leitura possibilita leituras mais críticas diante das fontes de informações necessárias para sua atividade, como o *briefing* por exemplo. Assim, uma boa leitura é o primeiro passo para que a leitura seja pautada em referenciais diferenciados de forma criativa e que sua atividade seja efetivamente uma criação publicitária e não uma reprodução publicitária.

Referências bibliográficas

BACCEGA, M.A. Da informação ao conhecimento: ressignificação da escola. Porto Alegre: **Anais XVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, 2004.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

DELL'ISOLA, R.L.P. A interação sujeito-linguagem em leitura. **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: UnB, 1996.

FOUCAMBERT, J.; LIBERATO, Y. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1986.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.

SAMPAIO, R. **Propaganda de A a Z**. São Paulo: Campus, 2003.



SILVA, E.T. **Criticidade e leitura: ensaios.** Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.